

SOBRE A CÓLERA DE AQUILES¹JEAN-PIERRE VERNANT²

Resumo: Trecho de estudo de Jean-Pierre Vernant no qual o autor explica como a cólera de Aquiles desencadeia o rebaixamento da ordem da guerra ao caos de uma carnificina sem lei. A sede de vingança de Aquiles, acrescentada aos fatos de ele estar acima do humano, por ter origem semidivina, e ter escolhido morrer em combate e obter a glória eterna, desequilibra o jogo de forças na guerra. Ao fazê-lo, arrasta os homens a um estado de barbárie anterior à cultura. A *Ilíada* é composta de modo a mostrar os perigos da ausência de ordem na cultura e, por fim, sua restauração, como o que deveria prevalecer. Vernant sublinha que apenas a ficção grega clássica, com seus artifícios, pode sustentar a manutenção de uma ordem tão perfeita.

Palavras-chave: Cólera; Vingança; Ideal heroico; Ordem; Desordem

Title: About Achilles' wrath

Abstract: Passage of an article by Jean-Pierre Vernant in which the author explains how Achilles' wrath sets off the debasement from the order of war to the chaos of a lawless slaughter. Achilles' thirst for vengeance, added to the fact that he is above the human by his nearly divine origin as well as by having chosen to die in combat and obtain eternal glory, unbalances the forces at war. By doing that, he drags men to a barbaric state prior to culture. *The Iliad* is written in such a way that it shows the dangers of the absence of order and, then, its restoration as what should prevail in culture. Vernant underlines that only classical Greek fiction with its artifices can support such a perfect order.

Keywords: Wrath; Vengeance; Heroic ideal; Order; Disorder

Sobre a cólera de Aquiles

JEAN-PIERRE VERNANT

¹ Trecho retirado das páginas 385 a 387 do texto de Jean-Pierre Vernant, intitulado "A tragédia de Heitor". In: Vernant, J-P. *Entre Mito & Política*. Trad. Cristina Murachco. São Paulo: Edusp, 2001, p. 381-388.

² Historiador e antropólogo, especialista na Grécia antiga (1914-2007).

Ilíada – Canto I

Canta, ó deusa, a cólera de Aquiles, o Pelida,
(mortífera!, que tantas dores trouxe aos Aqueus
e tantas almas valentes de heróis lançou no Hades,
ficando seus corpos como presa para cães e aves
de rapina enquanto se cumpria a vontade de Zeus),
desde o momento em que primeiro se desentenderam
o Atrida, soberano dos homens, e o divino Aquiles.³

Logo no primeiro canto da *Ilíada*, Aquiles, em sua cólera, se afirma como o homem da solidão, do heroísmo individual. Para preservar a ideia elevada de que ele tem do ideal heroico, postulado como absoluto de honra, ele se separa de seu grupo. Ao fazê-lo, retira-se da guerra que era sua razão de ser. Situação sem saída da qual sairá por motivos estritamente pessoais, para saciar sua sede de vingança contra aquele que, ao vencer Pátroclo, fez morrer um outro de si mesmo. Ao contrário de Heitor, Aquiles se afasta dos outros gregos associados a ele no combate para preservar até o fim sua identidade de herói singular, quase estranho à condição humana pela elevação de sua coragem e pela superioridade de sua força, para não falar em seu nascimento semidivino. Quando volta para a batalha, não aparece como um campeão do lado aqueu; é uma potência de destruição sem rédeas que guerreia como respira, naturalmente e sem esforço. Só sabe matar, matar sempre, até sua própria morte, não só prevista e aceita, como também assumida como a face secreta, o reverso de seu personagem heroico – essa visão lúcida do mundo da morte ao qual o herói se dedica ao escolher a glória e priva o jogo guerreiro de seu prestígio falacioso. A consciência desabusada de não passar de uma criatura perecível como as outras, até na façanha, torna fútil e derrisória a oposição entre vencido e vencedor, reunidos por destinos semelhantes. Ao contrário de Heitor, Aquiles não é um herói trágico em si: não sucumbe sob o peso de seus próprios erros, de suas ações. Porta-voz do ideal heroico, é mais uma voz que o relato empresta para dar a ouvir sua mensagem trágica, para sugerir, no fim da narração, como uma constatação final, a incompreensibilidade, a vaidade da existência humana mesmo quando, iluminada pelos fogos de artifício da glória, brilha com um esplendor que parece igualar aos deuses.

Entretanto, por ser expressa em uma obra que, devido a sua organização formal, constitui um mundo fechado e harmonioso, um *cosmos*, essa insignificância da vida humana, ao se ofertar à inteligência estética, é, ao mesmo tempo, deslocada e superada. Deslocada: doravante olhamos para ela de outro ponto de vista, como se estivéssemos ao mesmo tempo dentro e fora da vida, próximos e

³ Homero, "Canto I". In: *Ilíada*. Trad. Frederico Lourenço. Lisboa: Livros Cotovia, 4ª. ed., 2010.

engajados como um homem, distantes e afastados como um deus. Superada: a insignificância do vivido sofre, na experiência imaginária da arte, uma transmutação, torna-se significação trágica. A desordem, a confusão, o disforme que toda cultura se esforça em rejeitar para fora dela na natureza, sem nunca conseguir plenamente, fornece aos homens a matéria para uma criação original em que tudo é ordem, forma, beleza, porque tudo está organizado no plano da ficção.

O relato da *Ilíada*, em sua progressão, ilustra o duplo movimento de desorganização e de reorganização, o ir e vir entre a ordem aparente da vida e a desordem que nela se dissimula e entre a desordem assim revelada e uma ordem nova, de um tipo muito diferente. No decorrer da intriga, assistimos a uma espécie de decomposição do mundo heroico. Seguindo a inclinação natural da violência, a guerra, primeiro nobre e cavalheiresca, com seu ideal elevado, suas regras, seus interditos, abre-se para o desencadeamento progressivo da selvageria. Quando a bestialidade a invadiu por inteiro, os heróis dos dois campos se transformam em animais selvagens, em aves de rapina predadoras que, em sua fúria guerreira, não tratam mais o inimigo como um parceiro em um confronto leal, como um homem diferente, mas como uma coisa, uma presa cuja carne crua se quer devorar. A carnificina que a guerra dissimula aflora, de certa forma, nas falas e nas condutas dos heróis que não se contentam em triunfar no combate, mas que maltratam o vencido, mutilam-no, despedaçam-no, dispersam seu corpo, privam-no de sepultura, entregam-no aos cães e às aves por não poder devorá-lo eles mesmos, como se, na guerra, a questão fosse menos vencer, ou até mesmo matar, e sim destruir no inimigo até o último rastro de seu aspecto humano, acabar com seu ser social e pessoal lançando-o para sempre para fora da cultura a que pertence, em um não-ser de caos.